

SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

A MEDICALIZAÇÃO DOS SUJEITOS ANALISADA PELO VIÉS PSICANALÍTICO

Isadora Nicastro Salvador¹

Sílvia Nogueira Cordeiro²

Introdução

A sociedade contemporânea expõe uma realidade em que os sujeitos se medicalizam de forma intensa e para vários males de suas vidas. Nesse sentido, o mal-estar, que é um sentimento próprio do ser humano, como postula Freud (1930/2011) passou a ser remediado. Diante de uma neurologização dos sentimentos e angústias intrínsecos ao sujeito, algumas condições psíquicas são consideradas falhas nas fendas sinápticas ou reduções hormonais que, com a inserção do medicamento, colocaria o sujeito em uma condição biológica de normalidade, pautados na definição de saúde pela OMS (1946), que a denomina como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades. Entretanto, nesta supervalorização do corpo biológico, o corpo pulsional é recusado. Este mostra uma relação outra do sujeito com seus sintomas, já que as causas destes estão em outro campo: o do aparelho psíquico e não apenas no campo biológico e médico. De acordo com Lazzarini e Viana (2006), o corpo é visto por vários ângulos: corpo produto de intervenções e invasões da Medicina; corpo social enquanto produto da Psicologia Social, um corpo que interage com outros corpos; o corpo estético e da beleza, convocado imaginariamente em excesso na contemporaneidade; o corpo antropológico; o

¹ Mestranda no Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Pós-graduanda no Curso de Teoria Fundamental de Freud a Lacan da Universidade Positivo, em Londrina – PR. Atua como psicóloga clínica com ênfase em psicanálise lacaniana na Clínica de Psicanálise. E-mail: isadoranicastro94@gmail.com

² Docente Adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

corpo artístico, o corpo histórico e o corpo da Psicanálise, que é um corpo subjetivo.

Objetivos

Analisar os aspectos da medicalização dos sujeitos pelo olhar psicanalítico, estabelecendo uma posição crítica a essa neurologização da vida, praticada pelos saberes psiquiátrico e neurofisiológico atuais.

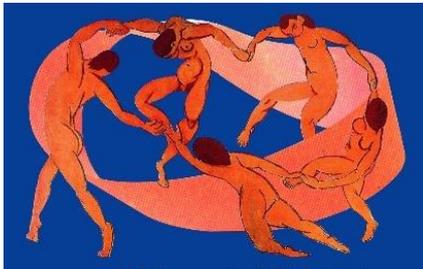
Desenvolvimento do texto

Método

O presente trabalho é o resultado da pesquisa de dissertação intitulada: “Sedação Subjetiva: o sofrimento psíquico aliado à medicalização de estudantes universitários”. Nesta, há uma perspectiva clínico-qualitativa de relatos de estudantes medicalizados. Este resumo, advindo de uma pesquisa de Mestrado em Psicologia, possui uma análise teórica e crítica de cunho psicanalítico sobre a medicalização dos sujeitos, o que realiza um recorte na pesquisa de referência, analisando apenas uma parte desta: a medicalização da vida.

Resultados

Para a clínica psicanalítica, o corpo se trata de um objeto conceitual de suma importância, já que se refere a um outro campo, que não o do corpo físico, orgânico e fisiológico, mas que porta uma dor subjetiva. Em contrapartida aos animais, que respondem a um caráter de necessidade, como a fome, a sede, ao sono e ao sexo, o animal humano responde a uma satisfação pulsional, ou seja, não se satisfaz com a saciação de seus instintos biológicos. Isso remete à constituição subjetiva do humano, que o faz particular



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

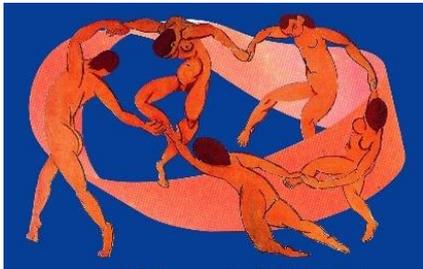
em relação aos outros seres. Sua constituição denota uma falta estrutural, pois o sujeito está imerso no campo da linguagem. Dessa forma, é essa condição que a medicalização visa solucionar: sedar um sujeito que possui suas nuances, suas falhas e suas inconstâncias e neutralizá-lo, colocando-o em um equilíbrio neurológico:

Ou seja, o saber psiquiátrico que oferta a supressão do sintoma pelo silenciamento do sujeito destoa, sobremaneira, da oferta analítica de escuta ao sintoma pela oferta da palavra ao sujeito.

De outro modo, um procedimento que requer um tempo rápido, sem solicitação de esforço ao paciente, que se acomoda num lugar passivo de cura, composto com o esforço do médico para manter inoperante ou distante aquilo que incomoda, oferta uma clínica sem dor. Em contrapartida, a clínica psicanalítica se recusa ao lugar de mestria, orienta-se pela dor e convida o sujeito a um trabalho ativo e responsável para a elaboração de um saber que lhe sirva ao manejo do que o incomoda (Palma & Gasparelo, 2016, p. 96-97).

Além disso, os sujeitos visam uma estrutura de nomeação para seus sintomas, que possam localizá-los dentro de um nome de transtorno ou doença psíquica. Entretanto, isso o retira de sua condição de sujeito, mostrando apenas um corpo assujeitado, que responde corporalmente aos estímulos externos, além de se estabelecer por meio de uma fixação em uma doença mental, sendo guiado por ela, em que é uma substância externa a capaz de solucionar seus padecimentos. Isso convoca uma burocratização do sujeito, inserido dentro dos manuais de transtornos mentais.

De acordo com Ribeiro (2015), a sociedade contemporânea expõe uma objetificação dos fenômenos humanos. Nesse sentido, essa objetificação e esse abuso de recursos ao medicamento produz uma dessensibilização, um anestesiamiento do sujeito, em que ele se torna inábil para lidar com suas faltas e questões subjetivas, tornando a sua dor ilegítima. Pode-se caracterizar, nesse sentido, uma medicalização da vida.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

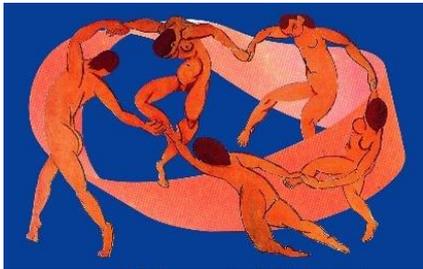
Considerações finais

Pode-se concluir que, neste trabalho, há um questionamento possível que não é feito no campo médico, psiquiátrico e neurofisiológico, principalmente. Há, portanto, uma análise a partir do saber psicanalítico, que pretende investigar os conteúdos inconscientes de um sujeito, além de suas condições subjetivas, investigação dificultada e tapada pelos medicamentos em excesso ingeridos pela sociedade contemporânea. Parece, então, que os medicamentos agem enquanto dispositivos externos objetivados a neutralizar o mal-estar estrutural dos sujeitos. Assim, há o estabelecimento de transtornos psiquiátricos passíveis de medicação para afetos e sentimentos estruturais da condição humana. Nesse sentido, pretende-se medicalizar a vida, adquirida com nomeações patológicas pelo ideal científico e médico.

Palavras-chave: Medicalização da Vida; Psicanálise; Sujeito; Neurologização.

Referências

- Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização* (P. C. D. Souza, trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Lazzarini, E. R., & Viana, T. D. C. (2006). O Corpo em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 22(2), 241-250. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722006000200014&script=sci_abstract&tlng=pt. doi: 10.1590/S0102-37722006000200014.
- Organização Mundial da Saúde (1946). *OMS, Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)*. Recuperado de <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>.
- Palma, C. M. D. S., & Gasparelo, K. C. (2016). A Clínica Psicanalítica no Ambulatório de Psiquiatria do HC-UEL: a formação do aluno e a oferta clínica. In M. B. Sei (Org.), *Clínica psicanalítica na universidade: interfaces, desafios e alcances* (pp. 85-102). Londrina, PR: Eduel.



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Ribeiro, C. V. (2015). A objetificação dos fenômenos humanos: um olhar à luz de Winnicott e Heidegger. *Natureza humana*, 17(1), 58-73.